

Ponencia presentada al GT4 Comunicación y Educación

Comunicação e Educação: um binômio em análise

Communication and Education: a binomial under analysis

*Lucilene Cury**

*Paulo Cesar de Sousa***

RESUMO: No contexto das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa CNPq - Cibernética Pedagógica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Brasil, insere-se esta análise sobre o binômio – Comunicação e Educação - fundamentada na interdisciplinaridade como premissa básica, condição essencial para a produção e transmissão do conhecimento, que se dá longe de partes estanques e dissociadas, como são as disciplinas que compõem os processos de Educação: Educação Formal e Não-Formal. Ao se agregar a esse binômio a Tecnologia Digital, chega-se à necessidade de analisar sua importância sobre ele, assim como seus principais efeitos. São esses os pilares básicos deste trabalho: Comunicação/Educação; Complexidade interdisciplinar e Tecnologias Digitais, com as principais observações feitas ao longo dos nossos estudos e pesquisas já realizados sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação / educação, pensamento complexo, tecnologias digitais.

ABSTRACT: In the context of the research developed by the Research Group CNPq - Pedagogical Cybernetics of the School of Communications and Arts of the University of São Paulo - Brazil, this analysis is inserted on the binomial - Communication and Education - based on interdisciplinarity as a basic premise, an essential condition for the production and transmission of knowledge, which is far from watertight and dissociated parts, as are the disciplines that make up the processes of Education: Formal and Non-Formal Education. When digital technology is added to this binomial, it is necessary to analyze its importance on it, as well as its main effects. These are the basic pillars of this work: Communication / Education; Interdisciplinary complexity and Digital Technologies, with the main observations made throughout our studies and research already done on the subject.

KEY WORDS: communication / education, complex thinking, digital technologies

I- INTRODUÇÃO

No âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq – Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo -Brasil (www3.eca.usp.br/grupos/cpedagogica) salienta-se com prioridade a linha de pesquisa – comunicação e educação – na qual estão envolvidos todos os pesquisadores e estudantes.

* **Lucilene Cury** - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Brasil. Pós-Doutoramento pela Universidade de Paris V – Sorbonne - e-mail: lucilene@usp.br

** **Paulo Cesar de Sousa** – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM Universidade de São Paulo - Brasil – e-mail: paulo.csousa@usp.br



Figura 1. Logotipo do grupo de pesquisa CNPq – Cibernética Pedagógica
Fonte: Recuperado de Cibernética Pedagógica - Laboratório de Linguagens Digitais

De forma que neste trabalho que aqui se apresenta, o tema central é também o que diz respeito a essa relação entre a Comunicação e a Educação, com a perspectiva de associar a esse binômio interdependente, o papel das tecnologias digitais nele utilizadas no mundo atual. Porém, a tecnologia não é vista como o terceiro elemento a compor um possível trinômio: Comunicação/Educação/Tecnologia, mas como um elemento importante a ser considerado no estudo dessa relação entre os dois processos.

Assim, o tema em toda sua amplitude, contempla o trio: Comunicação / Educação e Tecnologia. A ressaltar, porém, a natureza diferente dos dois primeiros termos que são processos, enquanto que a tecnologia se constitui como sistema de aplicação dos resultados de pesquisa científica, portanto, de “corpus” diferentes entre si. Além disso, a tecnologia, figura num segundo plano, já que está estruturada para funcionar e dar suporte ao pleno desenvolvimento dos processos citados. “A tecnologia desaparece em benefício da utilização que fazemos dela.” (Pisani & Puotet, 2010, p.45).

Por sua vez, as mídias digitais constituem a parte mais importante do estudo, já que alteram completamente o que era praticado em termos de recursos comunicacionais para a educação.

Nesse sentido, é possível pontuar que, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento das tecnologias digitais cresce em ritmo vertiginoso, o mesmo não pode ser afirmado sobre seu uso na educação em geral. Muitos são os exemplos de trabalhos educacionais bem-sucedidos, mas em uma relação muito menor em que o desenvolvimento tecnológico ocorre, em parte por falta de recursos econômicos, de gestão e políticas públicas, mas também e, principalmente, por falta de interesse e motivação de muitos para acompanharmos dessa mudança irreversível dos tempos globais, onde a informação de grande velocidade está presente no ciberespaço, que é o espaço aberto da virtualidade e tem como uma das características, a desterritorialização.

II- COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Seguindo no âmbito do processo de Educação, em complementaridade com o processo de comunicação, no âmbito do já aludido binômio, parte-se para a questão epistemológica fundamental – a Epistemologia do Pensamento Complexo (Edgar Morin) que propõe um novo modelo para a Educação, que contempla os diversos aspectos do sujeito, em sua totalidade e não o compreende sob uma visão reducionista, intelectual ou racional.

Parte-se da ideia básica de que o conhecimento deve trabalhar na incerteza e na dificuldade, com a intenção de chegar às chamadas Novas Racionalidades, para permitir uma caminhada aos novos tempos, quando a unicidade do saber deve dar lugar à pluralidade dos saberes em diálogo; a fragmentação à unidade, que atravessa as disciplinas para compor o todo, de modo transdisciplinar, contemplando toda sua complexidade, sem perder o próprio de cada disciplina, a fim de que o conhecimento possa ser significativo, ou seja, tenha significado para o estudante, que por si só realizará *links* efetivos e lógicos para sua aprendizagem.

Conforme suas próprias palavras (Morin, 2009: pp.51-52), o que se pode vislumbrar como possibilidade é uma complexidade aplicada. Afirma ele: “o grande desafio da atualidade reside ‘em’ e ‘para’ a era planetária. Há uma inter-relação entre o devir planetário da complexidade das sociedades e o devir complexo da planetarização”. Assim, a era planetária transcende a ideia da globalização ou da mundialização, porque supõe a relação do homem com a natureza e o planeta, entre a Humanidade e a Terra.

Para análise da questão que aqui se discute: - a estreita relação entre a Educação, a Comunicação e a Tecnologia – faz-se importante a referência ao processo de globalização, em seus mais amplos aspectos, ou seja, a globalização de lugares e pessoas; de sujeitos e objetos; de culturas e povos; de trabalho e economia; de desemprego e violência; de civilização e barbárie, dentre outras complementaridades e oposições.

Se, por um lado a globalização liga todos a todos, derruba fronteiras, desloca os locais de trabalho, dentre outras consequências, por sua vez ela também separa todos de todos; provoca êxodos urbanos de grupos humanos que buscam passar pelas fronteiras, consideradas “inexistentes” e oferece, ao mesmo tempo, acesso a quantidades ilimitadas de bens e materiais de consumo, que levam direta ou indiretamente, à escassez, aos crimes e à violência em geral.

É o chamado dilema da globalização, cujo conceito pode ser desconstruído em termos de locais estratégicos, onde se materializam os processos globais e as relações que os unem, chamados, num nível mais complexo, de “cidades globais”, que geram as geografias específicas da globalização, em processo contínuo de mutação e, mais recentemente, incluindo o espaço eletrônico. Esse é

o novo espaço digital, do qual a internet de acesso público (grátis ou com pagamento de tarifa) é apenas uma parte, já que nele cabem muitos outros processos que constituem o espaço digital privado, como os *sites* protegidos por *firewalls* e pelas redes dedicadas, que possibilitam formas de poder diferentes do poder distribuído pelas redes digitais públicas e traduzem o comportamento das finanças no mercado global, que representa a concentração do poder econômico (Sassen, 2010).

Figura igualmente, no âmago desse processo, o que costuma ser chamado de espaço público da informática – a *web* (*World Wide Web*), onde podem ser encontrados os amigos, que são as pessoas com as quais você conversa, aquelas que constituem a sua audiência, aquelas em quem você presta atenção. Isso é o que torna a web tão poderosa, o fato de que ela permite às pessoas organizarem suas atividades com a audiência e a comunidade de sua escolha.

III- TECNOLOGIAS DIGITAIS

Inserir-se nessa linha de pensamento, a que propõe as inúmeras possibilidades de contatos livres, via Internet, como é o caso da maior parte das redes sociais, que tanto fascinam os jovens e adultos, na relação das tecnologias digitais com a Educação e, diretamente ligado a ele, se os estudantes forem pensados especificamente, há que se deter na expressão “nativos digitais” criada por Prensky (2001), em oposição à expressão “imigrantes digitais”, que segundo sua visão, significa os que chegaram tarde para as novas tecnologias da web.

Sobre isso, Maria Teresa Quiroz Velasco, vai explicitar que as formas de interrelação dos jovens e sua aprendizagem, dependem explicitamente desses novos espaços abertos à Educação, nos quais ocorre agora a relação entre os chamados “nativos e imigrantes digitais”, de modo que é preciso compreender essas “fraturas geracionais” que também se expressam na família e na vida cotidiana em geral.

A pesquisadora peruana complementa:

Não obstante e, no que pese às oposições entre nativos e imigrantes digitais, as diferenças geracionais seguem atravessadas pelas distâncias socioeconômicas e culturais. A desigualdade não pode entender-se, nem se reduzir a um assunto material, de recursos técnicos, mas sim a um acesso desigual a novos recursos de individualização, estreitamente vinculados aos conhecimentos facilitados pela digitalização. Pode haver muitas crianças ou adolescentes nativos pela idade, mas que, pela desigualdade educativa, ou por pertencer a um universo familiar com muitas carências, não adquirem as competências r queridas. São iguais as crianças e adolescentes cujas famílias estimulam a interpretação das imagens, o exercício da opinião e o desenvolvimento de múltiplas capacidades, àqueles de família urbanomarginais e rurais, onde a violência familiar é mais frequente, o estímulo intelectual menor e a educação dos pais mais escassa? Definitivamente, não é um assunto meramente tecnológico. (Velasco, 2012, pp.21-22, tradução nossa).

Por outro lado, a expressão “nativo digital” é passível de questionamento, pois, muitas variáveis fazem parte da chamada “cultura digital”, desde o acesso às máquinas e à rede, principalmente, até o interesse despertado pelos adultos, bem como outras tantas situações. (Pisani & Puotet, 2010, p.188) Assim, “a expressão ‘nativos digitais’ é enganadora e até perigosa, na medida em que mascara as disparidades crescentes vindas da qualidade do acesso ao mundo digital e à educação”.

Eles também fazem menção ao termo “cidadania digital”, para tratar das possibilidades que se abrem aos cidadãos que aderem às ferramentas e às lógicas do mundo digital, que, obviamente, não excluem as demais formas de acesso ao conhecimento.

Assim, nessa relação - Comunicação/Educação/Tecnologia – o que se pretende aprofundar, como objetivo básico, é a discussão sobre o papel da Universidade face à techno-ciência, destes tempos atuais, partindo do pressuposto de que não se trata de sujeitá-la às tecnologias de informação e comunicação disponíveis no mundo digital, nem de recusá-las para uso nas aulas e outros trabalhos acadêmicos, mas sim de refletir sobre as mudanças que essas impõem ao processo de Educação, em sua estreita relação com o processo de Comunicação, que é o lugar de onde se partiu para o estudo em questão.

É preciso que se tente definir as novas responsabilidades da Universidade face às tecnologias digitais, que já alteraram, de modo substancial o modelo educacional, em todos os níveis da Educação. E só isso não basta, a ação de acompanhá-las é também urgente, pois, se as novas gerações compartilham entre si um novo modo de comunicação, que nem sempre leva ao aprendizado, mas que é amplamente utilizado pelos estudantes, qualquer outra forma de tratar o conhecimento, necessita pelo menos, considerá-las.

A utilização das tecnologias digitais deve ser cada vez mais estimulada, mesmo que estas não se constituam como únicas formas de levar ao conhecimento, a fim de que seja possível estabelecer canais mais efetivos de comunicação entre docentes e discentes, além de realmente aprimorar a qualidade da Educação, através de estratégias que a beneficiem.

A partir daí, figuram questões tais como: como ensinar? Como inserir a tecnociência gerada pela vertente da pesquisa, nas condições atuais de ensino existentes na Universidade? Como transformar essas condições para adequar o ensino às circunstâncias do nosso tempo? Como participar da construção desse novo tempo social?

Propõem-se então, novas abordagens para atender às características atuais, com a multiplicação dos contatos humanos e das conexões homem/máquina.

Muitos são os nomes que se dão a essas novas abordagens: “pensar juntos”; “eu e os outros”; “diálogo”; “dialogias”; “inteligência coletiva”; “conhecimento social”; “sociedade-rede”, dentre outros.

Para Aparici (2012), há que se implementar práticas educacionais que sejam capazes de transcender o aparato tecnológico, que ele trata como a WEB 2.0, versão da WEB que pressupõe a interação e/ou participação dos sujeitos, no sentido de que as ações realizadas pelos diversos atores sociais tenham significado e proporcionem mudanças efetivas nas sociedades em que atuam, voltadas principalmente para a emancipação cidadã.

No centro dessas novas práticas comunicativas/educativas, encontra-se, o modelo dialógico, que supõe as mediações humanas e as das máquinas, com ênfase na interatividade/interação. Em destaque, o que se pode chamar de “cultura da participação”, entendida como atuação do sujeito para a produção criativa do conhecimento social.

Novos tempos demandam novas formas de conhecimento e, ao mesmo tempo, novas estratégias para desenvolvê-las dentro do processo educativo. Assim, em artigo publicado sobre o assunto, sob o título – “A Universidade de Hoje: Riscos e Desafios” (Cury, Lucilene & Jolbert, Marcos, 2014), apresentou-se, entre outras ideias, a utilização da Internet Protocol Television (IPTV), como mídia eficaz para a entrega de conteúdos de ensino-aprendizado para o desenvolvimento das aulas, com a proposta de estimular a interação e o contato entre todos, a fim de que sintam-se sujeitos participantes do próprio processo de educação.

A partir dessa perspectiva, considerando-se ainda as interconexões crescentes possibilitadas pela sociedade em rede, pela teia de contatos cada vez maior, acredita-se que a conscientização dos indivíduos acerca das questões globais, que envolvem a humanidade de hoje, pode ser potencializada por esses contextos fortemente articulados às tecnologias de informação e comunicação (TIC) e que essa conscientização pode ser instigadora da luta, luta como investimento não só em infraestrutura, mas sempre, em primeiro lugar, em Educação.

Para enfatizar a luta que se trava em relação aos três pontos enfatizados neste trabalho, apresenta-se a interpretação de Vargas Llosa (2012) extraída do material pertencente à Tese de Livre-Docência – Cury (2015):

Não é verdade que a internet seja somente uma ferramenta. É um mecanismo que passa a ser um prolongamento do nosso próprio corpo, de nosso próprio cérebro, que também, de uma maneira discreta, vai se adaptando, vai se adaptando pouco a pouco, a esse novo sistema de informar-se e de pensar, renunciando assim, às funções que este sistema faz por ele e às vezes, melhor que ele... (Vargas Llosa, 2012, p.210).

Mostrando, portanto, uma visão bem pessimista da internet, mas o que interessa aqui é evidenciar o olhar que é lançado à Educação, quando ele afirma:

Mais informação, menos conhecimento (Vargas Llosa, 2012, p.208) ... esses alunos não têm culpa de serem agora incapazes de ler ‘Guerra e Paz’, ou D. Quixote! Acostumados a “bicar” as informações em seus computadores, sem ter necessidade de fazer prolongados esforços de concentração, vão perdendo o hábito e até a faculdade de fazê-lo e vão sendo condicionados a contentar-se com esse ‘borboleteio’ cognitivo a que os acostuma a Rede, com suas infinitas conexões e pulos aos links complementares, de modo que ficam, de certa forma, vacinados contra o tipo de atenção, reflexão, paciência e prolongado abandono àquilo que se lê e que é a única maneira de ler, com prazer, a grande literatura... mas, não creio que seja somente a literatura à qual a internet torna supérflua: toda obra de criação gratuita, não subordinada à utilização pragmática, fica fora do tipo de conhecimento e cultura que propicia a Web (Vargas Llosa, 2012, p.211).

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessa, pois, para esta análise aqui apresentada, tratar da questão da Comunicação e da Educação, nestes tempos de tecnologias digitais, em toda sua amplitude, carregada de ambiguidades, de problemas e de indefinições.

Assim, ao lado dessas ideias já expostas figuram outras, de caráter mais positivo, favoráveis ao uso das tecnologias digitais para os dois processos, desde que se reflita sobre sua utilização, sobre a melhor maneira de construí-las, bem como sobre a necessidade de que o sujeito receptor seja atendido em sua natureza básica ante os dois processos – o da comunicação e o da educação, através do que pode ser entendido como diálogo, ou interação efetiva com o conteúdo e a forma das mensagens distribuídas pela Internet.

Importa também aqui, tratar da Inclusão Digital em parceria com a Inclusão Social, no sentido de levar a uma visão, ainda que não totalmente conclusiva, das potencialidades democráticas das tecnologias digitais em uso no binômio: Comunicação/Educação.

Em outros estudos já realizados no âmbito do **Grupo de Pesquisa CNPq- Cibernética Pedagógica** – encontra-se essa preocupação com o uso das tecnologias nos processos de comunicação e de educação, quando pode ser apresentado o seguinte estudo, relacionado às potencialidades das tecnologias digitais e ao seu caráter democratizante, no artigo intitulado: “*The Democratic Potentiality of Technologies*”: Cury L. e Tibiriçá C. (2012) quando se concluiu que, mais do que permitir o acesso, quase generalizado, a essas tecnologias, é necessário que a prática científica e a prática educacional promovam a compreensão e a apropriação de suas linguagens e usos, com a intenção de superar o caráter de exclusão com o qual eles ainda atuam nas sociedades de hoje. Consideram-se, também, as possibilidades de uma ação reflexiva na sociedade tecnológica de hoje, sem se render à escravidão da técnica, buscando

o objetivo final da educação nestes e nos próximos tempos, com base no crescimento e no desenvolvimento inevitável da tecnologia, mas não a seu serviço...

V - REFERÊNCIAS

- APARICI, R. (Coord.). (2012). *Educomunicación: más allá del 2.0*. São Paulo, SP: Paulinas.
- CURY, L. (1999). *A nova racionalidade sob um olhar amoroso*. In Caminhos do saber plural. Medina, C., & Greco. (Orgs.). (s.n). São Paulo, SP: ECA/USP.
- CURY, L. (2000). *Reflexões sobre o papel da Universidade face à tecno-ciência*. Intercom – GT Comunicação e Educação. Recuperado de <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/42083950524220619739063406153615432038.pdf>
- Cury, L. (Org.). (2012). *Revistando Morin, Comunicação & Educação* Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP 17(1), 39-37. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v17i1p39-47>.
- CURY, L. & TIBIRIÇÁ, C. (2012). "The democratic potentiality of Technologies". In: Nagib, C., William, L., Sidique, M., Sanches, B., & Tremante, A. (Orgs.). (2012, November). Orlando, Flórida: Post conference III S conference edition.
- CURY, L. & AZAMBUJA, M. J. (2014). "A Universidade de hoje: riscos e desafios", in MEJIAS, M. E. V., & PADILLA, G. C (Coords.). (s.n). *Construyendo la nueva enseñanza superior*. Madrid: McGraw-Hill.
- CURY, L. (2015). *Cibernética pedagógica: no tempo/espaco da ECA/USP*. (Tese de Livre – Docência). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MORIN, E. (2009). *Educar para a era planetária*. São Paulo: Cortez.
- PRENSKY, M. (2001). *Digital Natives Digital Immigrants*. In PRENSKY, Marc. (2001). *On the Horizon*. NCB University Press, 9(5), 1-6. Recuperado de: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 27 set. 2016.
- QUIROZ VELASCO, M. T. (2012). "Tecnologias digitais: para la educación y la comunicación" in CURY, L. (Org.). (2012). *Tecnologias digitais nas interfaces da comunicação/educação – desafios e perspectivas*. Curitiba: CRV.
- PISANI, F. & PIOTET, D. (2010). *Como a Web transforma o mundo: a alquimia das Multidões*. São Paulo: Senac.
- SASSEN, S. (2010). *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed.
- VARGAS LLOSA, M. (2012). *La civilización del espectáculo*. Madri: Prisa Ediciones.

